

SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA ABORDAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Sexuality in adolescence: an approach in the school context

Tiago Barcelos Valiatti

Farmacêutico graduado pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

Izabel Bárbara Barcelos

Farmacêutica graduada pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

Ingredy da Silva Barcelo

Farmacêutica graduada pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

Karla Ferreira de Almeida

Farmacêutica graduada pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

Susana Maria Mana de Araújo

Psicóloga, Doutora em Educação Especial, Docente do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

Francieli Carniel

Enfermeira, Mestre em Genética e Toxicologia Aplicada, Docente do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Rondônia, Brasil.

RESUMO

O início da atividade sexual cada vez mais cedo tem sido preocupação no contexto da saúde pública, sobretudo devido a sua relação com a gravidez precoce e o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis. O objetivo do presente estudo consistiu em analisar o perfil sexual de adolescentes matriculados em cinco escolas estaduais do município de Ouro Preto do Oeste, RO. Para tanto, foram aplicados questionários semiestruturados aos alunos do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, participando da pesquisa 202 alunos. De acordo com os resultados obtidos, a idade média da primeira relação foi de $14,19 \pm 1,38$ anos para as meninas e $13,37 \pm 1,77$ anos para os meninos, sendo que número considerável não fez uso de preservativo na primeira relação. Além disso, grande parte dos alunos já haviam utilizado drogas e a mídia foi apontada como despertadora de curiosidade acerca da prática sexual. Esses resultados são preocupantes e sinalizam a necessidade de intervenção por meio de medidas públicas.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescentes, DSTs, Consumo de drogas.

ABSTRACT

The onset of earlier sexual activity has been a concern in the context of public health, mainly because of its relation to early pregnancy and the development of sexually transmitted diseases. The objective of the present study was to analyze the sexual profile of adolescents enrolled in five state schools in the city of Ouro Preto do Oeste, Ro. For that, semistructured questionnaires were applied to students from the 9th grade to the 3rd year of high school, with 202 students participating in the study. According to the results, the mean age of the first relation was 14.19 ± 1.38 years for the girls and 13.37 ± 1.77 years for the boys, and a

considerable number did not use a condom in the first Grating. In addition, most of the students had already used drugs and the media was pointed out curiosity about the sexual practice. These results are worrying and signal the need for intervention through public measures.

Key words: Sexuality, Adolescents, STDs, Drug consumption.

INTRODUÇÃO

Embora a adolescência seja uma fase saudável da vida, muitos problemas vêm surgindo devido ao exercício da sexualidade (COSTA et al., 2011; TAQUETTE et al., 2011). A população jovem tem sido considerada prioridade pela Organização das Nações Unidas nas campanhas de prevenção, pois tem se observado que este grupo apresenta alto risco para o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis (HEARST; CHEN, 2004; KAESTLE et al., 2005).

A falta de informação é um importante ponto a ser discutido, pois muitas vezes a família não fornece informações necessárias aos adolescentes, fazendo com que recorram a amigos para tirar eventuais dúvidas. Na maioria das vezes, as informações às quais esse grupo populacional tem acesso são referentes ao uso de preservativos, deixando assim de ter conhecimento sobre o funcionamento do corpo durante a puberdade e todo o processo de maturação sexual (BASSO, 1991; VITIELLO et al. 1988).

A gravidez precoce e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) estão diretamente ligadas ao início da vida sexual precoce, pois é muito comum o não uso ou o uso inadequado dos preservativos nas relações (WHO, 2008).

Estudos mostram que o início da vida sexual precoce é mais comum entre os adolescentes fumantes, que consomem bebidas alcoólicas e que usam drogas (ALVES; LOPES, 2008; SCIVOLETTO et al., 1999). O consumo de substâncias psicoativas faz com que o adolescente sofra alterações em suas funções normais, tornando-o mais vulnerável ao agir sem pensar, podendo ocorrer relações sexuais desprotegidas (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004).

Pode-se destacar também que durante a fase da adolescência existe um conflito muito grande, pois adolescentes passam a dar grande importância aos grupos de amigos e relacionamentos e por muitas vezes acabam deixando a família de lado ocorrendo uma confusão de emoções e sentimentos, tornando-os mais vulneráveis a situações que o ambiente externo pode proporcionar como o consumo de álcool e maconha, diretamente relacionados a práticas sexuais de riscos, como o não uso de preservativos e a prostituição (SCIVOLETTO et al., 1999; JINEZ et al., 2009).

Diferenças culturais também são fatores determinantes para o início da vida sexual, pois cada etnia tem sua determinada cultura que de alguma forma influencia diretamente os adolescentes sobre questões sexuais. Um exemplo é uma pesquisa realizada entre 2005 e 2006, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual revelou uma média de 22% de adolescentes que já haviam realizado relação sexual aos 15 anos, sendo esta proporção de 5%, na Macedônia, a 61%, na Groelândia (WHO, 2008).

Diante do exposto acima o presente estudo tem como objetivo conhecer o perfil do comportamento sexual de adolescentes matriculados em cinco escolas estaduais localizadas no município de Ouro Preto do Oeste, RO.

MÉTODOS

O presente estudo trata-se um trabalho do tipo transversal de caráter quantitativo-descritivo, desenvolvido no município de Ouro Preto do Oeste – RO. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Ji – Paraná, sob o parecer de número 053608/2014.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro de 2014 e fevereiro de 2015, em cinco escolas estaduais localizadas no município de Ouro Preto do Oeste – RO. O município em questão está localizado na porção Centro-

Oeste do estado de Rondônia, possuindo uma área territorial total de 1.969,850 Km² e uma população de 37.928 habitantes (IBGE, 2010).

O público alvo da pesquisa foram os estudantes que estivessem cursando entre o 9º ano do ensino fundamental e o 3º do ensino médio, sendo que para realização da pesquisa foi obtida a autorização da direção das cinco escolas. Todos os 1.423 alunos matriculados nas cinco escolas foram convidados a participarem da pesquisa. A obtenção dos dados se deu por meio de um questionário semiestruturado desenvolvido pelos autores, que foram entregues aos alunos que concordaram em preencher o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) levando em consideração que, para os menores de 18 anos, exigiu-se que o seu responsável legal assinasse o documento, autorizando a participação na pesquisa.

Os dados obtidos foram armazenados e parametrizados em porcentagens com auxílio do programa Microsoft Excel 2013, sendo estes dispostos em formas de gráficos e tabelas para uma melhor compreensão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 1.423 alunos convidados a participarem da pesquisa, somente 202 participaram. O restante ou não quis participar ou não obteve a permissão dos pais.

Conforme evidenciado na Tabela 1, houve uma prevalência de adesão de estudantes do sexo feminino que apresentaram as seguintes características: seguem alguma religião, são solteiros e com renda predominante de 1 a 2 salários mínimos.

Tabela 1. Características socioeconômicas dos adolescentes do município de Ouro Preto do Oeste-RO.

Variáveis	%
Sexo	

Feminino	66%
Masculino	34%
Religião	
Sim	84,16
Não	15,84
Estado civil	
Solteiro (a)	98,51
Casado (a)	1,49
Divorciado (a)	0
Viúvo (a)	0
Renda Familiar	
1 a 2 SM	48,02
2 a 4 SM	22,77
4 a 6 SM	20,3
6 a 8 SM	3,47
Acima de 8 SM	6,93

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência abrange dos 10 aos 19 anos, sendo esta uma fase na qual ocorrem diversas transformações físicas, emocionais e comportamentais, ocorrendo a estruturação da personalidade do indivíduo, e é justamente nesse período que a maioria dos jovens inicia a vida sexual (WHO, 2004). É importante mencionar que uma das características da adolescência é a vulnerabilidade, decorrente não só da própria idade, mas também da dificuldade na tomada de decisões e no lidar com sentimentos, sujeitando-os a comportamentos de risco, destacando-se riscos nos comportamentos sexuais (TAQUETTE et al., 2005).

O comportamento sexual dos adolescentes sofre influência de diferentes fatores, entre eles o gênero e o perfil social (BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007).

Conforme Gubert e Madureira (2009) ainda hoje a sexualidade é tratada de maneira diferente entre ambos os sexos: os meninos são

estimulados a reforçar sua masculinidade e iniciar suas relações sexuais precocemente, enquanto que as meninas são incentivadas a adiar ao máximo a primeira relação sexual e a casarem virgens, contudo essas expectativas sociais se chocam com as dinâmicas estabelecidas entre os adolescentes em suas relações. Em seu estudo, Borges e Nakamura (2008) relataram que as meninas sofrem pressão de seus parceiros para iniciarem a vida sexual, e temendo o término do relacionamento acabam cedendo, nesse contexto seria inevitável a relação ocorrer antes do casamento. Já os meninos se sentem pressionados a se relacionarem sexualmente mesmo sem vontade ou preparo, pois a virgindade ou a recusa de uma relação sexual seria vista como fraqueza ou problema.

Estudos têm demonstrado que os indivíduos com menor renda e sem religião têm uma tendência a iniciarem a vida sexual na adolescência e assumirem comportamentos de risco, como o sexo desprotegido (PENA et al., 2016; FORSTE; HAAS, 2002; LEITE; RODRIGUES; FONSECA, 2004; RICH; KIM, 2002; SANTELLI et al., 2000). Nesse sentido, no presente estudo observou-se o predomínio de renda mais baixa; também ficou evidente que a maioria dos adolescentes já haviam iniciado a atividade sexual. Contudo, apesar de a maioria dos adolescentes declararem seguir alguma religião, grande parte já havia iniciado a vida sexual, o que também foi observado em outros estudos (SALDANHA et al., 2008; SOUSA, 2012).

Conforme é possível visualizar na Tabela 2, grande número dos adolescentes, em ambos os sexos, já fez uso de drogas, tendo predominado o uso de álcool. Esse dado preocupante corrobora com outros estudos como o de Malta et al. (2011), em que 71,4% dos escolares já haviam experimentado bebida alcoólica, e 8,7% já havia utilizado drogas ilícitas como cocaína, maconha e crack. Em pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Álcool e Drogas (2006), na qual participaram adolescentes de 14 a 17 anos de 143 municípios brasileiros, 75% já haviam consumido bebida alcoólica, ressaltando a extensão do problema.

Tabela 2: Uso de drogas por adolescentes do município de Ouro Preto do Oeste-RO.

	Mulheres	Homens
	%	%
Consumo de drogas		
Cocaína	2,44	0
Crack	5,48	7,5
Maconha	7,3	5
Álcool	45,12	36,25
Anabolizantes	0	0
Tabaco	3,04	2,5
Nunca utilizei drogas	36,58	48,75
Uso de drogas no último mês		
Cocaína	0	0
Crack	0	3,03
Maconha	6,32	6,06
Álcool	58,22	48,48
Anabolizantes	0	0
Tabaco	2,53	6,06
Não utilizei drogas esse último mês	32,91	36,36

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

De acordo com estudo da OMS realizado em mais de 40 países, entre os anos de 2005 e 2006, 18% dos jovens de 15 anos já haviam feito uso de maconha. O estudo aponta ainda o uso de álcool como um fator de risco para o consumo das outras drogas, como o tabaco e as drogas ilegais, estando estes associados a transtornos depressivos, ansiedade e brigas na escola. Cabe ainda mencionar que a ocorrência de acidentes de trânsito e homicídios associados ao consumo de bebidas alcoólicas são a maior causa de morte entre os jovens (WHO, 2008).

Conforme Alavarse e Carvalho (2006) o consumo de álcool por adolescentes está associado a hábitos culturais e de diversão, tendo a família uma grande responsabilidade, uma vez que a primeira experiência de

consumo ocorre muitas vezes em casa e com os pais. Esses autores abordam ainda a facilidade de acesso ao álcool, o qual apesar de ter sua venda proibida a menores de 18 anos, é comercializado livremente devido à falta de uma fiscalização efetiva.

O início precoce da ingestão de álcool, sobretudo num contexto de consumo exagerado, leva a danos irreversíveis à saúde, como a dependência e a destruição dos neurônios e fígado (PROAD, 2017). Além disso, o consumo abusivo de álcool está relacionado com a menor utilização de preservativos (CAMARGO; BOTELHO, 2007).

Do total de meninos participantes do presente estudo, 58,82% relataram ter tido relação sexual; já com relação às meninas esse índice foi de 62,68%. A idade média da primeira relação entre as meninas foi de $14,19 \pm 1,38$ anos. Já a média dos meninos foi de $13,37 \pm 1,77$ anos.

Tronco e Dell'Agilo (2012) verificaram em seu estudo que a média de idade da primeira relação dos meninos e das meninas foi de 13,94 e 14,57 anos respectivamente, sendo estes valores semelhantes aos encontrados no presente estudo. Vanzin et al. (2013), em um estudo realizado na capital do estado de Rondônia, encontraram média de idade da primeira relação inferiores ao do presente estudo, pois para os meninos a média foi de 11,87 anos e para as meninas 13,56 anos.

Alguns autores têm destacado que o início da relação sexual vem ocorrendo cada vez mais precocemente, gerando assim uma grande preocupação entre os pais ou responsáveis, já que esse grupo não possui maturidade suficiente para lidar com possíveis consequências do ato sexual, como gravidez e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) (LOPES; MAIA, 1993; TAQUETTE et al., 2003; GOMES, COSTA; SOBRINHO, 2002).

A Tabela 3 traz as informações referentes ao tipo de relação que os estudantes tinham com o parceiro na primeira relação sexual, uso de contraceptivos e o número de parceiros que tiveram até o momento.

Tabela 3: Perfil sexual dos adolescentes do município de ouro Preto do Oeste-RO.

Variáveis	Mulheres	Homens
	%	%
Qual relação tinha com o primeiro parceiro?		
Namoro	70,24	35,7
Noivado	7,14	0
Amizade	15,47	35
Pessoa recém conhecida	7,1	25
Profissional do sexo	0	2,5
Utilizou algum método contraceptivo na primeira relação?		
Sim	65,47	57,5
Não	34,53	42,5
Se sim, qual?		
Preservativo masculino	92,72	100
Preservativo feminino	1,81	0
Contraceptivo de emergência	1,81	0
Anticoncepcional	3,66	0
Injeção/implante	0	0
Motivo por não ter utilizado preservativo		
Não esperava ter relação naquele dia	44,82	29,41
Não tinha preservativo no momento	10,34	23,52
Medo de o preservativo causar incomodo	17,24	11,76
Nem pensei sobre isto	27,58	35,29
Uso de algum método contraceptivo na última relação?		
Sim	77,38	75
Não	22,61	25
Se sim, qual?		
Preservativo masculino	76,94	93,33
Preservativo feminino	0	0
Contraceptivo de emergência	10,76	0
Anticoncepcional	10,76	3,33
Injeção/implante	1,54	3,33
Quantidade de parceiros até o momento		
1	23,8	20
2	27,38	22,5

3	21,42	20
4	14,28	15
5	8,33	0
6 ou mais	4,76	22,5

Fonte: da pesquisa, 2016.

No presente estudo constatou-se que dentre os que já haviam tido relação sexual, a maioria teve como tipo de parceiro (a) o namorado (a). Entretanto ao analisar esse dado estratificado por sexo, verifica-se uma grande diferença entre os sexos, o destaque é com relação os dados do sexo masculino, pois mesmo que o vínculo de namoro tenha prevalecido, houve uma distribuição semelhante entre os vínculos de namoro, amizade e pessoa recém conhecida, diferentemente do encontrado no grupo feminino, onde teve predominância total da opção namoro.

Tronco e Dell'Aglio (2012) encontraram predominância do vínculo namoro entre os entrevistados, sendo que a porcentagem entre o sexo feminino foi o dobro da observada entre os do sexo masculino, evidenciando uma discrepância entre os sexos, assim como a constatada no presente estudo.

O'Sullivan et al. (2007), salientam que os adolescentes buscam ter um parceiro sexual com o qual já possuam algum vínculo afetivo, o que reforça a tese que antes de se envolver de uma forma mais íntima, os mesmos buscam estabelecer uma relação interpessoal. Tal observação pode justificar os dados encontrados, visto que os vínculos com maior porcentagem são aqueles nos quais os entrevistados afirmam ter alguma proximidade com o parceiro.

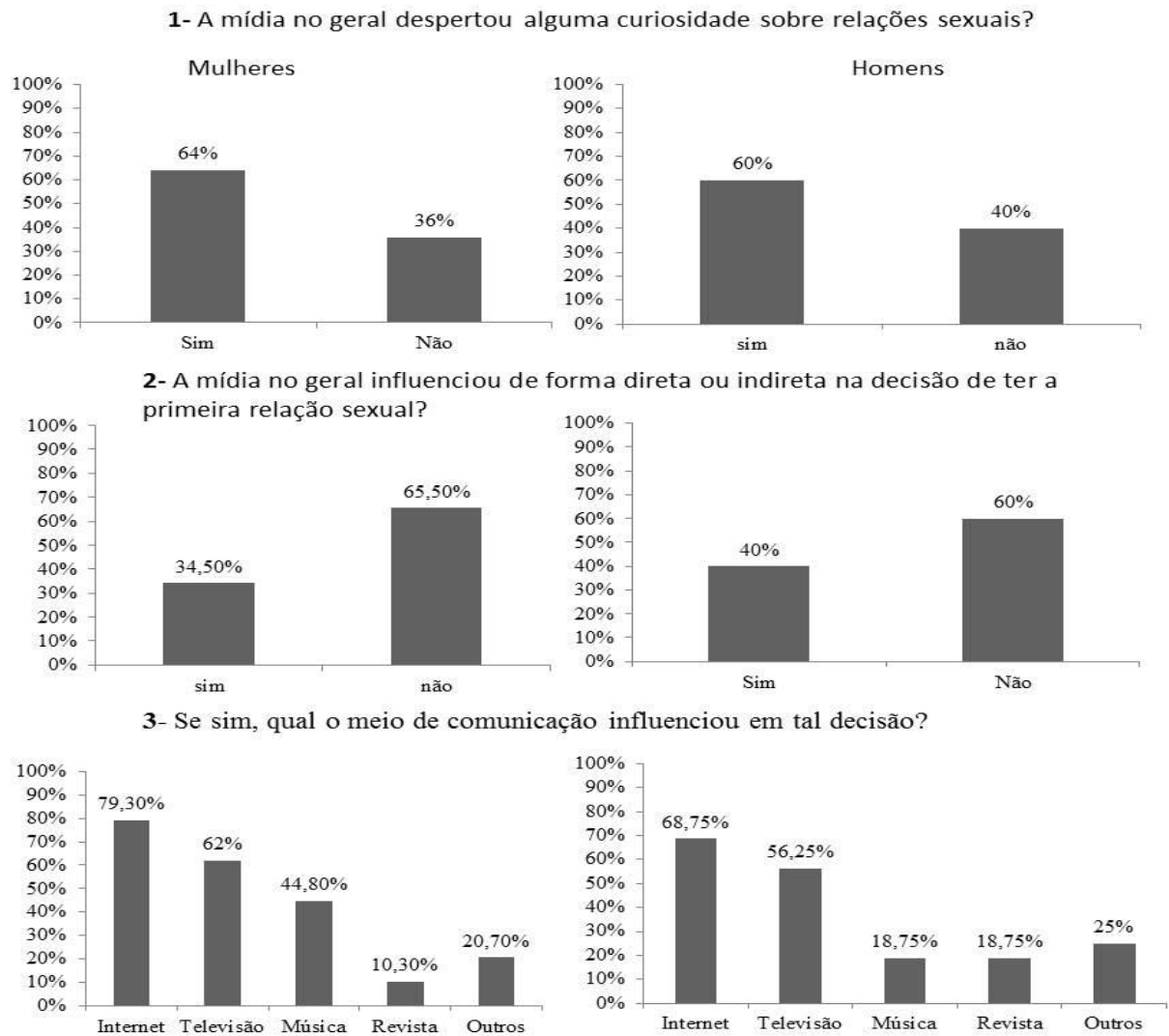
Por meio dos dados encontrados, observa-se que as mulheres se preocuparam mais com o uso de métodos contraceptivos do que os homens, sendo que o preservativo masculino foi o método mais utilizado por ambos os sexos, principalmente pelos meninos, pois foi o método utilizado por todos. Silva et al. (2015), ao analisar o uso de preservativo na primeira relação de escolares do município de Abaetetuba (PA), verificaram uma maior prevalência de uso entre as mulheres.

O presente estudo constatou que os motivos mais citados para o não uso do preservativo foi “Não esperava ter relação naquele dia” pelas alunas e “Nem pensei sobre isso” para os homens. No estudo de Tronco e Dell’Aglia (2012), os motivos mais assinalados pelos homens e mulheres foram “Não gosto” e “Porque uso anticoncepcional” respectivamente. Vale destacar que a utilização de preservativos é fundamental, visto que, além de proteger contra gravidez indesejada, é essencial para a prevenção de DST, promovendo assim uma vida sexual saudável.

Ao comparar o uso de métodos contraceptivos entre a primeira e a última relação sexual, verificou-se um aumento do uso desses métodos, com destaque para o sexo masculino, que apresentou um aumento de 17,5%; no entanto nota-se uma diminuição do uso de preservativos masculinos e um aumento dos outros métodos.

Com relação ao número de parceiros sexuais até o momento da pesquisa, entre as mulheres houve uma prevalência de 2 parceiros, já entre os homens constatou que as opções 2 e 6 ou mais parceiros apresentaram 22,5% cada. Gonçalves et al. (2015) e Miranda (2013) encontraram resultados opostos ao do presente estudo, pois maioria dos alunos e alunas entrevistados afirmaram ter tido somente 1 parceiro sexual. A figura 1 expõe os dados relacionados à influência da mídia na sexualidade.

Figura 1: Influência da mídia na iniciação sexual de adolescentes do município de Ouro Preto do Oeste.



Os resultados demonstram que, no geral, apesar de a mídia ter despertado alguma curiosidade, ela não teria influenciado na decisão. Entre os que afirmam ter havido uma influência da mídia, predominou a internet, seguida da televisão. Nesse contexto, no estudo de Sousa (2012), entre todos os meios de comunicação a internet foi a mais utilizada para obter informações relacionadas com a sexualidade.

Camargo e Botelho (2007) observaram em seu estudo realizado com adolescentes das cidades de Florianópolis, Itajaí e Balneário Camboriú, com uma média de idade de 17 anos e 3 meses, que aqueles que tinham a

televisão como fonte principal de informação possuíam uma atitude menos favorável à prevenção sexual de AIDS, colocando-se em questão o papel da televisão brasileira como transmissora de informações. Para os autores, o problema envolve a falta de qualidade da programação e a mercantilização da sexualidade humana.

CONCLUSÃO

Conclui-se que seguindo a tendência apontada por muitos autores, os adolescentes do sexo masculino do município de Ouro Preto do Oeste estão iniciando a vida sexual mais cedo, do que as meninas, sendo que em ambos os sexos se verifica o comportamento sexual de risco pelo não uso de preservativo. Além do mais, a mídia despertou na maioria dos entrevistados a curiosidade sobre relações sexuais. Diante dos achados salienta-se a necessidade de promover políticas públicas de saúde para esses adolescentes, tendo como prioridade a saúde sexual.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, G. M. A.; CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: O perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v.10, n. 3, p. 408-416, 2006.

ALVES, A. S.; LOPES, M. H. B. M. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 61, n. 2, p.170-177, 2008.

BASSO SC. *Sexualidade humana*. O.P.A.S./O.M.S.: Brasília; 1991, p.232.

BORGES, A. L.; NAKAMURA, E. Social norms of sexual initiation among adolescents and gender relations. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 17, n.1, p.94-100, 2009.

BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. R. D. O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.23, n.7, p. 1583-1594, 2007.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. AIDS, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública*, v. 41, n. 1, p. 61-68, 2007.

CEBRID. *II Levantamento nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. São Paulo: UNIFESP, 2006.

COSTA, M. C. O.; SANTOS, B. C.; SOUZA, K. E. P.; CRUZ, N. L. A.; SANTANA, M. C.; NASCIMENTO, O. C. HIV/AIDS e sífilis entre gestantes adolescentes e adultas jovens: fatores de exposição e risco dos atendimentos de um programa de DST/HIV/AIDS na rede pública de saúde/SUS, Bahia, Brasil. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v.35, n.1, p.179-195, 2011.

FORSTE, R.; HAAS, D. W. The transition of adolescent males to first sexual intercourse: anticipated or delayed?. *Perspect Sex Reprod Health*, v. 34, p.184-190, 2002.

GOMES, W. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L. N. et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, v.78, n.4, p.301-308, 2002.

GONÇALVES, H.; MACHADO, E. C.; SOARES, A. L. G.; CAMARGO-FIGUERA, F. A.; SEERING, L. M.; MESENBURG, M. A. Início da vida sexual entre adolescentes (10-14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.18, n.1, p.1-18, 2015.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 14, n. 4, 1119-1128, 2009.

HEARST, N.; CHEN, S. Condom promotion for AIDS prevention in the developing world: is it working? *Studies in Family Planning*, v. 35, n.1, p. 39-47, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <
<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=110015&search=|info%20gr%20E%20I%20ficos:-informa%20E%20F5es-completas>>. Acesso em: 10 out. 2018.

JINEZ, M. L. J.; SOUZA, J. R. M.; PILLON, S. C. Uso de drogas e fatores de risco entre estudantes de ensino médio. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.17, n. 2, p. 246-252, 2009.

KAESTLE, C. E.; HALPERN, C. T.; MILLER, W. C.; FORD, C. A. Young age at first sexual intercourse and sexually transmitted infections in adolescents and young adults. *American Journal of Epidemiology*, v.161, n. 8, p. 774-780, 2005.

LEITE, I. C.; RODRIGUES, R. N.; FONSECA, M. C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.20, p.474-481, 2004.

LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. *Revista Sexologia*, v. 2, n.1, p. 30-33, 1993.

MALTA, D. C.; MASCARENHAS, M. D. M.; PORTO, D. L.; DUARTE, E. A.; SARDINHA, L. M.; BARRETO, S. M.; NETO, O. L. M. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.14, n.1, p.136-146, 2011.

MIRANDA, J. C. Adolescência e vida sexual: O retrato de uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro. *SaBios: Revista de Saúde e Biologia*, v. 8, n. 2, p. 31-40, 2013.

O'SULLIVAN, L. F.; CHENG, M. M., HARRIS, K. M.; BROOKS-GUNN, J. I wanna hold your hand: The progression of social, romantic, and social events in adolescent relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, v. 39, n. 2, p. 100-107, 2007.

PENA, G. G.; MENDES, J. C. L.; SILVEIRA, A. P.; MARTINS, T. C. R.; VIEIRA, R. G.; SILVA, N. S. S.; SILVA, R. R. V. Comportamentos de risco para a saúde de adolescentes da rede pública de ensino. *Adolescência e Saúde*, v.13, n.1, p. 36-50, 2016.

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO E ATENDIMENTO ÀS DEPENDENTES (PROAD). Disponível em: < <http://www.unifesp.br/dpsiq/proad> >. Acesso em: 19 jan. 2017.

RICH, L. M.; KIM, S. B. Employment and the sexual and reproductive behavior of female adolescents. *Perspect Sex Reprod Health*, v. 34, p.127-134, 2002.

SALDANHA, A. A. W.; CARVALHO, E. A. B., DINIZ, R. F.; FREITAS, E. S.; FÉLIX, S. M. F.; SILVA, E. A. A. Comportamento sexual e vulnerabilidade a AIDS: um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmitidas*, v. 20, n.1, p. 36-44, 2008.

SANTELLI, J. S.; LOWRY, R.; BRENER, N.; ROBIN, L. The association of sexual behaviors with socioeconomic status, family structure and race/ethnicity among US adolescents. *American Journal of Public Health*, v. 90, p.1582-1588, 2000.

SCIVOLETTO, S.; TSUJI, R. K.; ABDO, C. H. N.; QUEIROZ, S.; ANDRADE, A. G.; GATTAZ, W. F. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de

estudantes de 2º grau de São Paulo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, n. 2, p. 87-94, 1999.

SILVA, A.S.N.; SILVA, B.L.C.N.; JÚNIOR, A.F.S.; SILVA, M.C.F.; GUERREIRO, J. F, et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 6, n. 1, p. 27-34, 2015.

SOUSA, L. M. A. A influência dos meios de comunicação social nas atitudes e comportamentos sexuais de jovens universitários. 2012. 149 p. Dissertação (Mestrado em Sexualidade Humana) – Faculdade de Medicina de Lisboa, Universidade de Lisboa, 2012.

TAQUETTE, S. R.; RUZANY, M. H.; MEIRELLES, Z.; RICARDO, I. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, n. 5, p. 1437-1444, 2003.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M.; PAULA, M. C. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 37, n. 3, p. 210-214, 2004.

TAQUETTE, S. R.; ANDRADE, R. B.; VILHENA, M. M.; PAULA, M. C. A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as doenças sexualmente transmissíveis. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v.51, n.3, 148-152, 2005.

TAQUETTE, S. R.; MATOS, H. J.; RODRIGUES, A. O.; BORTOLOTTI, L. R.; AMORIM, E. A epidemia de AIDS em adolescentes de 13 a 19 anos no município do Rio de Janeiro: descrição espaço-temporal. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 44, n. 4, p. 467-70, 2011.

TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 5, n. 2, p. 54-269, 2012.

VANZIN, R.; AERTS, D.; ALVES, G.; CÂMARA, S.; PALAZZO, L.; ELICKER, E. et al. Vida sexual de adolescentes escolares da rede pública de Porto Velho-RO. *Aletheia*, v.41, p.109-120, 2013.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C.; CANELLA, P. R. B.; CAVALCANTI, R. C. *Adolescência hoje*. 1. ed. São Paulo: Roca, 1988, p.175.

WHO. World Health Organization. Sexually transmitted infections: Issues in adolescent health and development. 2004. Retrieved September 12, 2010, from http://whqlibdoc.who.int/publications/2004/9241591420_eng.pdf.

WHO. World Health Organization. Inequalities in young people's health. Health Behavior in School-Aged Children. International Report from 2005-2006. Health Policy for Children and Adolescents. n. 5; 2008.